

MAURICIO REIS LOZOVEY

EM BUSCA DE NOVOS ESPAÇOS EDUCATIVOS

As relação entre Escotismo e Educação Física

Monografia apresentada como requisito parcial para conclusão do curso de Licenciatura em Educação Física, Setor de Ciências Biológicas, da Universidade Federal do Paraná.

Professora Mariana dos Santos.

CURITIBA
2002

SUMÁRIO

RESUMO	iii
INTRODUÇÃO	1
1.1 APRESENTAÇÃO DO PROBLEMA	1
1.2 JUSTIFICATIVA	1
1.3 OBJETIVOS	2
2.0 EDUCAÇÃO FÍSICA	4
2.1 EDUCAÇÃO FÍSICA NO BRASIL	6
2.2 O PROFISSIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA	10
2.2.1 O PAPEL DO PROFESSOR	11
3.0 ESCOTISMO	13
3.1 BADEN-POWELL	14
3.2 O MÉTODO ESCOTEIRO	18
3.3 PRINCÍPIOS E ORGANIZAÇÃO DO MOVIMENTO ESCOTEIRO	19
3.4 O CHEFE ESCOTEIRO	23
4.0 METODOLOGIA	24
5.0 CONCLUSÃO	25
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	29

RESUMO

A Educação Física compreende diversas áreas de conhecimento, grande parte delas diz respeito à prática não-formal, e mesmo assim consideramos a escola como sendo o único espaço onde a prática corporal se torna educativa. Antes de podermos explorar esses espaços, devemos definir os nossos objetivos e o indivíduo que queremos ajudar a formar através de nossa prática. O que podemos encontrar de mais definido em grande parte da literatura existente é a busca da Educação Física para formação integral do ser humano, através do trabalho com o movimento. O Escotismo supõe alcançar esse mesmo ponto final, através de seu método educativo, que busca a construção permanente do indivíduo e leva em consideração diversos aspectos do sujeito, como autonomia, responsabilidade e cidadania. Dentro de seu método, a utilização do ensino através do movimento é muito presente, configurando mais um elo de ligação com a Educação Física. Porém é possível observar que o Escotismo se utiliza do trabalho intelectual, físico, social, afetivo e espiritual conjuntamente, o que o diferencia de muitas aulas de Educação Física que podemos observar em nosso cotidiano, com única e simples aplicação de movimentos técnicos e regras sem a visualização de um objetivo determinado. Para combater esse modelo podemos nos utilizar de tudo que existe de positivo em ambas as áreas abordadas, na tentativa de transformar nossas aulas em um espaço de formação multilateral do indivíduo e esperando que as mesmas criem o impacto necessário para alcançarmos nossa esperada construção do homem integral.

1.0 INTRODUÇÃO

1.1 Apresentação do Problema

A Educação Física compreende diversas áreas de conhecimento, a maior parte delas diz respeito à prática não-formal, ou seja, fora da escola.

O presente trabalho apresenta como temática a abordagem de um pequeno espaço desse campo de atuação do profissional. O espaço da utilização da educação física com fins educativos, no tempo livre e fora do ambiente institucional escolar, onde se pretende discutir a inserção do Escotismo como método de educação não-formal de jovens.

A principal pergunta que se deseja responder é: será que existe alguma relação entre os objetivos propostos pelo escotismo e pela Educação Física? E caso exista, em que ponto se aproximariam?

1.2 Justificativa

Muitas vezes consideramos a escola como o único espaço onde a prática corporal se torna educativa e nos esquecemos de todos os outros campos de atuação nos quais também podemos educar.

A busca por um espaço definitivamente educativo, fora da escola, se torna a principal meta desse trabalho, através da abordagem ao Escotismo.

Mesmo após a visualização desse espaço, é necessário que se procure determinar seus objetivos pedagógicos e sua atuação na formação do indivíduo.

Do mesmo modo, notamos que mesmo após vários teóricos da Educação Física terem contribuído com suas concepções sobre essa área de conhecimento, ainda estamos longe de um entendimento real e total dos objetivos educacionais próprios do nosso campo de atuação. Se faz necessária então uma reflexão sobre o que esperamos e sobre o que deveríamos alcançar através da nossa prática.

Com a finalidade de se educar para a melhoria das relações sociais, poderíamos tomar como exemplo, para determinar nossos objetivos, o Projeto Educativo da União dos Escoteiros do Brasil quando afirma que o objetivo do escotismo é a formação de:

Um homem ou uma mulher reto de caráter, limpo de pensamento, autêntico em sua forma de agir; leal e digno de confiança.

Capaz de tomar suas próprias decisões, respeitar o ser humano, a vida, e o trabalho honrado; alegre, e capaz de partilhar sua alegria; leal ao seu país, mas construtor da Paz, em harmonia com todos os povos.

Líder a serviço do próximo.

Integrado ao desenvolvimento da sociedade, capaz de dirigir, de acatar leis, de participar, consciente de seus direitos, sem se descuidar de seus deveres.

Forte de caráter, criativo, esperançoso, solidário, empreendedor.

Amante da natureza, e capaz de respeitar sua integridade.

Guiado por valores espirituais, comprometido com o seu projeto de vida, em permanente busca de Deus e coerente com sua fé.

Capaz de encontrar seus próprios caminhos na sociedade e ser feliz.

O caminho a ser seguido pelo trabalho é o de investigar se o escotismo, através de seus objetivos e concepções, se enquadra nos ideais de formação humana que desejamos alcançar através da Educação Física, ou talvez até se apresente abordando e atingindo um desenvolvimento maior do indivíduo do que o alcançado hoje pela nossa inserção na sociedade através da Educação Física, sempre entendendo que nossa meta como professores é contribuir para a formação dos indivíduos em sua totalidade, não se limitando à educação do corpo físico.

1.3 Objetivos

- Definir Educação Física e Escotismo;
- Identificar os objetivos da Educação Física e do Escotismo na educação do indivíduo;
- Revisar a regulamentação do profissional de Educação Física;
- Identificar os indivíduos responsáveis pela Atividade Escoteira;

- Fundamentar a utilização da área não-formal da Educação Física como mecanismo educativo do ser humano;
- Apresentar proposta geral que fundamente as Atividades Escoteiras;
- Discutir a relação entre os objetivos propostos pelo Escotismo e pela Educação Física Não-formal.

2.0 Educação Física

Difícilmente conseguiremos uma definição simples do que seja a Educação Física, entretanto não há dúvidas de que esta é a área do conhecimento que estuda o homem em movimento. Porém, com essa definição cairíamos no fato de que o homem nunca deixa de estar em movimento, tornando ainda mais difícil a concepção do termo.

Poderíamos começar com a seguinte citação: “A característica essencial da Educação Física é o movimento. Ela é movimento. Não há Educação Física sem o movimento humano” (OLIVEIRA, 1983).

Desse ponto partiríamos para a indagação: o homem, no seu cotidiano, vive sem o movimento?

A resposta é clara: Não. O homem, desde sua criação se movimenta. É pelo seu movimento que ele descobre o ar, os outros, o chão, descobre a si mesmo e a sua relação com o espaço e com tudo que existe. Sem o movimento o homem não cresce, não descobre, não raciocina.

Pensando assim, voltamos a afirmar: a Educação Física se concentra no movimento humano. É a área do conhecimento que estuda o movimento e suas implicações na formação humana, trabalhando conjuntamente o desenvolvimento sócio-afetivo, o desenvolvimento cognitivo e o desenvolvimento motor do indivíduo. Fica claro que o movimento também implica na formação da inteligência e do raciocínio lógico, como afirma OLIVEIRA, 1983

O homem, enquanto ser total, não pode prescindir da inteligência nas suas ações, inclusive motoras, é muito difícil – se não impossível – estabelecer limites entre a aprendizagem motora e a intelectual. Quando acontece a primeira, seguramente está acontecendo a segunda. A atividade física, havendo de ser aprendida, não pode ser considerada unicamente no plano motor. Apresenta também valores intelectuais.

O homem se movimenta de acordo com o que pensa. Se movimenta de acordo com o que determina a cultura, a sociedade onde vive. Mostra em seu movimento como foi criado, de quem gosta, de quem não gosta e do que não gosta. Tudo o que é, como

é, é traduzido em seu movimento. E é através do movimento que a Educação Física pode fazer com que ele se perceba, racionalize sobre si e se modifique, como ponto de partida para uma possível modificação da sociedade.

Porém, isso só é possível quando as pessoas se movimentam tendo consciência de seus atos. "Precisam estar pensando e sentindo o que realizam" (OLIVEIRA, 1983).

A Educação Física pode possibilitar essa criticidade e o ensaio da transformação. Desse modo o aluno pode perceber a violência, as relações humanas, a sexualidade, a política, a natureza, a repressão, a ética, a estética, a saúde, o fracasso, o êxito, a criatividade, o prazer, a competição, a afetividade, a sociedade, a cultura...

Toda essa aprendizagem através do movimento é natural e espontânea, facilitando a assimilação.

Não podemos nos esquecer que Educação Física é Educação. E como educação, deve formar indivíduos auto-suficientes, que construam uma concepção crítica sobre si mesmos e sobre os outros.

Segundo os PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais), a Educação Física, ao final do Ensino Fundamental espera que os alunos sejam capazes de:

- participar de atividades corporais coletivas, respeitando suas capacidades e desempenhos, assim como também as dos outros, sem discriminação;
- demonstrar respeito mútuo, dignidade e solidariedade, repudiando a violência;
- conhecer e valorizar as manifestações culturais brasileiras, como recurso valioso de integração da nação;
- reconhecer-se dentro e respeitar o meio-ambiente, adotando hábitos saudáveis de higiene, alimentação e atividades corporais, para a manutenção e melhoria da saúde coletiva;
- conhecer as capacidades do próprio corpo e usar isso para solucionar os problemas de ordem corporal;
- zelar pela própria saúde e pela saúde coletiva, não aceitando condições de trabalho que comprometam o equilíbrio corporal;

- conhecer e apresentar posicionamento crítico sobre saúde, beleza, estética e os efeitos da mídia nos diferentes grupos sociais, evitando o consumismo e o preconceito;
- reconhecer as atividades físicas como benéficas e de direito de todos os cidadãos, reivindicando esse direito para todas as pessoas.

2.1 Educação Física no Brasil

Durante todo o século XIX, a Educação Física (EF) brasileira esteve ligada à instituições militares e à classe médica. Assim, estava voltada à educação do corpo, com um físico saudável e equilibrado, sem doenças, muito voltada ao conceito de eugenia, o melhoramento genético da raça humana (conceito que se utiliza da esterilização de deficientes, exames pré-nupciais e proibição de casamentos consangüíneos).

A sociedade da época exibia grande resistência à realização de atividades físicas, pela associação entre trabalho físico e trabalho escravo. Qualquer atividade que envolvesse esforço físico era marginalizada.

As instituições militares se utilizavam então da filosofia positivista na educação do físico. Na busca da ordem e do progresso, era fundamental que os combatentes fossem fortes e saudáveis para defender a pátria.

Em 1882, o então presidente Rui Barbosa decretou a inclusão da ginástica (ainda não existia a nomenclatura de educação física) nas escolas e a equiparação de seus professores aos de outras disciplinas.

Porém, foi só no começo do século passado que a ginástica foi incluída nos currículos, primeiramente da Bahia, Ceará, Distrito Federal, Minas Gerais, Pernambuco e São Paulo.

A EF brasileira recebia então as influências do Movimento Ginástico Europeu, se firmando em princípios biológicos.

Na década de 30, as idéias eugênicas ganham nova força com a iminência de guerra, e voltam influenciar a Educação Física, especialmente dentro do exército. De

um discurso eugênico logo passou-se à idéias higienistas e de prevenção de doenças, conteúdos que poderiam ser aplicados no meio educacional, e essa aplicação recebeu apoio de militares, religiosos, educadores e do Estado.

Em 1937 a EF foi incluída nos currículos de todo o país, como prática educativa obrigatória. Porém, ainda não como disciplina curricular.

Na mesma década acontecia o estabelecimento do Estado Novo, onde a EF serviria para “fortalecer o trabalhador, melhorando sua capacidade produtiva, e desenvolver o espírito de cooperação em benefício da coletividade” (BRASIL, 1997). Essa concepção acompanhava de perto o processo de industrialização e urbanização pelo qual passava o país.

A promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação, em 1961, determinava a obrigatoriedade da Educação Física para o Ensino Primário e Médio. Neste novo contexto, o esporte passava a ocupar cada vez mais espaço, reforçado com a introdução do Método Desportivo Generalizado, que buscava unir o esporte aos objetivos e práticas pedagógicas.

Sua evolução normal, após 64, levou toda a educação à tendência tecnicista, onde o ensino objetivava a formação de mão-de-obra qualificada. Era a época da grande difusão dos cursos técnicos profissionalizantes. A EF era considerada uma atividade prática voltada para o desempenho técnico e físico do aluno.

A década de 70 foi marcada pela forte aproximação da EF com os ideais nacionalistas. A ordem e o progresso determinavam a busca pela formação de uma juventude forte e saudável além de tentar desmobilizar as forças políticas oposicionistas. O “milagre econômico brasileiro” se pautou nas atividades esportivas como colaboradoras na melhoria da força de trabalho. O esporte era nacional. Como exemplo, temos a forte campanha publicitária e ideológica feita durante a Copa do Mundo de 1970.

Buscava-se descobrir novos talentos que pudessem competir, dentro e fora do país, representando a pátria.

Os efeitos desse modelo somente começaram a ser sentidos e contestados na década de 80, quando se percebeu que o Brasil não se tornara uma nação olímpica,

iniciando uma enorme crise de identidade da EF. A solução veio com uma mudança significativa nas políticas educacionais. A EF escolar, que estava centrada no segmento de quinta a oitava séries do Ensino Fundamental, passou a priorizar o segmento de primeira a quarta séries e também a pré-escola. Passou a enfatizar o desenvolvimento psicomotor do aluno, em substituição à promoção de esportes de auto rendimento.

O campo de debates aumentou, os professores que estavam fora do país começaram a retornar, surgiam os primeiros cursos de pós-graduação em Educação Física, o número de livros e revistas sobre o tema aumentaram, assim como o número de congressos e outros eventos, contribuindo para o debate.

As Abordagens Críticas da educação influenciavam o questionamento sobre o papel e as dimensões políticas da Educação Física.

Essas discussões levaram à ampliação da visão da Educação Física como área biológica, à reavaliação e ênfase nas dimensões psicológicas, sociais, cognitivas e afetivas, concebendo o aluno como ser humano integral. Substituiu-se a noção do físico que simplesmente carregava o intelectual por objetivos educacionais mais amplos, os exercícios e esportes por conteúdos diversificados, e o adestramento por pressupostos pedagógicos mais humanos.

A partir do final da década de 70, juntamente com o modelo nacionalista, surgem novas tendências pedagógicas da Educação Física que, inspiradas pelo novo momento histórico social, fazem oposição à vertente tecnicista muito presente na época. Todas elas buscando uma Educação Física que contemplasse as múltiplas dimensões do ser humano.

Essas novas tendências são observadas ainda hoje no panorama de ensino e pesquisa em Educação Física.

As mais impactantes foram as abordagens psicomotora, construtivista, desenvolvimentista, e as abordagens críticas.

A Abordagem Psicomotora foi a primeira tendência mais articulada de contraposição às anteriores. Enfoca o desenvolvimento da criança, o ato de aprender, com os processos cognitivos, afetivos e psicomotores. Nessa abordagem a Educação Física deixa de ter um conteúdo próprio e se torna "um conjunto de meios para

reabilitação, readaptação e integração” (PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS: Educação Física, 1998).

Tanto na Abordagem Psicomotora quanto na Abordagem Construtivista a proposta de ensino abrange principalmente crianças na faixa etária até os 10-11 anos.

A Abordagem Construtivista espera que o aluno construa o conhecimento a partir de sua interação com o mundo. Assim o aluno constrói o conhecimento durante toda a sua vida. Tudo que se aprende é levantado a partir de uma base já construída de conhecimentos escolares e daqueles adquiridos fora da escola.

A Abordagem Desenvolvimentista é dirigida para a faixa etária até os 14 anos. É a Educação Física se baseando nas etapas de desenvolvimento normais (não se usa mais conceito de normal, acho que pode só deixar “desenvolvimento da criança”) da criança, do crescimento físico, do desenvolvimento motor e da aprendizagem motora, em relação a cada faixa etária. O movimento é o principal meio e fim da Educação Física, e ela deve desenvolver a aprendizagem do movimento em suas aulas. Ela deve oferecer experiências de movimento adequadas ao nível de desenvolvimento da criança a fim de que alcance a aprendizagem das habilidades motoras.

As Abordagens Críticas se fundamentam no materialismo histórico e dialético, questionando o caráter alienante da Educação Física na escola. Propõe um modelo de superação das contradições e injustiças sociais. Procura transformar a sociedade, a economia e a política. A reflexão e atuação sobre a sociedade se transforma no projeto político-pedagógico da Educação Física. Seus conteúdos devem ser relevantes para a sociedade, contemporâneos e adequados às características socio-cognitivas dos alunos. Devem, acima de tudo, propiciar uma melhor leitura da realidade e possibilitar uma inserção transformadora na sociedade.

Todas essas abordagens contribuíram para a concepção do aluno como ser integral, englobando objetivos educacionais mais amplos do que a formação do físico que sustenta o intelectual. Além disso, contribuíram com a introdução de conteúdos diversificados, diferentes dos poucos já explorados e que privilegiavam os exercícios ginásticos e os esportes.

Atualmente existem múltiplas abordagens para a Educação Física escolar no Brasil, com diferentes teorias filosóficas, sociológicas e psicológicas. Esse fator tem feito com que se amplie cada vez mais os campos de ação e reflexão sobre nossa área de conhecimento, aproximando-a cada vez mais das ciências humanas, buscando articular as múltiplas dimensões do ser humano.

2.2 O profissional de Educação Física

Segundo a Lei Federal nº 9.696, de 1º de setembro de 1998, Capítulo II, Seção II:

Art. 14 - O exercício da Profissão que trata a Lei nº 9696/98, em todo o Território Nacional, tanto na área privada, quanto na área pública, é prerrogativa de Profissional regularmente registrado no Conselho Federal de Educação Física, inscrito no CREF (Conselho Federal de Educação Física) e portador de Carteira de Identificação Profissional expedida pelo Conselho Regional de Educação Física competente, que habilitará ao exercício profissional.

Art. 17 - Serão registrados no Conselho Federal de Educação Física e inscritos nos Conselhos Regionais de Educação Física, os seguintes profissionais:

I – os possuidores de diploma obtido em curso de Educação Física, oficialmente autorizado, ou reconhecido pelo Ministério da Educação e aceitos pelo CONFEF (Conselho Federal de Educação Física);

II – os possuidores de diploma em Educação Física expedida por instituição de ensino superior estrangeira, convalidado na forma de legislação em vigor;

III – os que, até dia 1º de Setembro de 1998, tenham comprovadamente exercido atividades próprias dos Profissionais de Educação Física, nos termos a serem estabelecidos, através de Resolução, pelo Conselho Federal de Educação Física.

Segundo a Resolução nº 042/2002, do CONFEF:

Art. 1º - O profissional de Educação Física é especialista em atividades físicas, nas suas diversas manifestações – ginásticas, exercícios físicos, desportos, jogos, lutas, capoeira, artes marciais, danças, atividades rítmicas, expressivas e acrobáticas,

musculação, lazer, recreação, reabilitação, ergonomia, relaxamento corporal, ioga, exercícios compensatórios à atividade laboral e do cotidiano e outras práticas corporais, tendo como propósito prestar serviços que favoreçam o desenvolvimento da educação e da saúde, contribuindo para a capacitação e/ou restabelecimento de níveis adequados de desempenho e condicionamento fisiocorporal dos seus beneficiários, visando à consecução do bem-estar e da qualidade de vida, da consciência, da expressão e estética do movimento, da prevenção de doenças, de acidentes, de problemas posturais, da compensação de distúrbios funcionais, contribuindo ainda, para consecução da autonomia, da auto-estima, da cooperação, da solidariedade, da integração, da cidadania, das relações sociais e a preservação do meio ambiente, observados os preceitos de responsabilidade, segurança, qualidade técnica e ética no atendimento individual e coletivo.

Como se pode notar, tudo o que existe de escrito e fundamentado como lei sobre a área da Educação Física é muito novo e ainda assim necessita ser freqüentemente adequado no sentido de acompanhar as transformações que acontecem em nossa sociedade.

2.2.1 O papel do Professor

MATTOS & NEIRA (2000) afirmam que o papel de todo professor é aproximar o aluno do conhecimento, ao mesmo tempo que aproxima o conhecimento do aluno. Assim, o centro de interesse não é o aluno em si, mas a interação professor/aluno. Para tal, o professor deve se preocupar em como fazer para tornar a aprendizagem menos trabalhosa e mais eficiente para a criança.

Ele não pode deixar de ser e se pensar como agente da ação, nunca deixando de se aperfeiçoar, pessoal, profissional e tecnicamente.

O professor nunca será o dono da verdade, mas o guia, o fio condutor da construção do conhecimento pelo aluno, e deverá encontrar a maneira mais eficiente de proporcionar a interação entre a criança e o conhecimento, para que ocorra a

aprendizagem. Lembrando que cada aluno interage de forma diferente com o mesmo conhecimento, que se deseja transmitir.

MATTOS & NEIRA (2000) afirmam ainda que o professor deve ter a total consciência de que seu papel é político, de formação de cidadãos, atuantes no seu próprio processo de aprendizagem. E que para alcançar esse objetivo deverá deter conhecimentos não somente de técnicas desportivas, mas também dos processos de desenvolvimento cognitivo, afetivo-social e psicomotor.

O professor de Educação Física deve proporcionar a vivência do movimento pelo aluno, e fazer a ponte entre este movimento e sua reflexão. Deve criar as oportunidades para que o aluno se perceba, desvende o que está por trás do seu movimento, viva o questionamento (Como se mover? Por quê se mover? Quando se mover? Para onde ir? Etc.).

Na busca pela formação integral do ser humano, devemos antes descobrir quem cada um é. Esse é o primeiro passo para que consigamos auxiliar os alunos à “abrir suas cabeças” sobre o que acontece consigo e com tudo e todos à sua volta.

O corpo não funciona sem o pensamento. O pensamento não racionaliza sem o sentimento. O sentimento não existe sem o espírito. O espírito não cria, sem (o) ser através do corpo.

3.0 ESCOTISMO

“A educação, em sentido mais amplo, é um processo que dura a vida toda e que permite o desenvolvimento global e contínuo das potencialidades da pessoa, como indivíduo e como membro da sociedade”. (WORLD SCOUT ORGANIZATION, 2001)

Ela não se limita a um processo de desenvolvimento do indivíduo em idade escolar e no ambiente escolar. É permanente e leva em consideração diversos aspectos do indivíduo, como autonomia, responsabilidade e cidadania.

Segundo o relatório “A Educação guarda um Tesouro” produzido pela Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI, presidida por Jacques Delors, em 1996, e entregue à UNESCO, a educação se baseia em quatro pilares básicos:

- 1 – aprender a conhecer (ou aprender a aprender);
- 2 – aprender a fazer;
- 3 – aprender a viver juntos. Desenvolvendo conhecimentos necessários para viver harmoniosamente em sociedade;
- 4 – aprender a ser. Desenvolvendo o caráter, a autonomia e a responsabilidade.

Identificamos o propósito do escotismo na contribuição para o auto-desenvolvimento do jovem, com enfoque especial na formação do caráter. Essa contribuição leva em consideração as potencialidades físicas, intelectuais, sociais, afetivas e espirituais na construção de cidadãos responsáveis, participantes e úteis em suas comunidades.

O enfoque do Escotismo é dado à educação não formal que, pela definição apresentada pela UNESCO, é “a atividade organizada, fora do sistema formal estabelecido, que está destinada a servir a uma determinada clientela de aprendizagem, com objetivos educativos identificados”.

Assim, o Escotismo desempenha um papel de complementação aos outros agentes educativos, contribuindo com a educação dos jovens.

O Movimento Escoteiro “entende” todo indivíduo como ser único, com sua história pessoal, características próprias, diferentes necessidades, capacidades e ritmo de desenvolvimento. O desenvolvimento do indivíduo é acompanhado e estimulado

sem a exigência de um ponto X a ser alcançado por todos ao mesmo tempo, mas com a exploração da máxima de “fazer o seu melhor possível”.

Procura auxiliar para que o jovem se reconheça como parte colaboradora no universo ao qual pertence (a família, a comunidade, a cultura, o meio ambiente), não substituindo nem sendo substituído pela escola, a família ou qualquer outra instituição.

Procura alcançar seus objetivos através de um método educativo, o Método Escoteiro.

No livro “Scouting for Boys” (Escotismo para Rapazes) – que muitos consideravam e talvez ainda hoje consideram como sendo a Bíblia do Movimento Escoteiro - publicado em 1908, Baden-Powell definiu: “O Escotismo é uma escola de cidadania através da destreza e habilidade em assuntos mateiros”.

Em sua edição de 1940, Baden-Powell acrescentou: “o Escotismo tem sido descrito por mais de um entusiasta, como uma revolução em educação. Não se trata disso. É simplesmente uma sugestão lançada, ao acaso, para um alegre jogo ao ar livre, que tem sido reconhecido por formar uma ajuda prática à educação.”

3.1 Baden-Powell

Não poderíamos falar de Escotismo sem falar de Baden-Powell, seu idealizador. Robert Stephenson Smyth Baden-Powell nasceu na Inglaterra, no dia 22 de fevereiro de 1857.

Desde criança se aventurava por caminhadas e excursões e aprendeu cedo a cuidar de si mesmo e a ter confiança em si.

No colégio tocava piano, flauta e violino. Em suas horas livres se aventurava pelos bosques que cercavam o colégio, onde caçava e assava coelhos de maneira bem mateira, como podemos perceber no trecho: “...caçava coelhos e os assava em pequenas fogueiras sem fumaça agindo como os exploradores que conhecia pela leitura de livros muito populares na época.” (UNIÃO DOS ESCOTEIROS DO BRASIL, 1995)

Por esse trecho podemos perceber também a admiração que Baden-Powell nutria pelas grandes aventuras, as quais já começam a ser concretizadas quando, ao concluir o curso ginásial ingressa no exército britânico, logo sendo destacado para diversas partes do mundo.

Seu prestígio junto ao exército e ao povo britânico veio em consequência de sua atuação durante o cerco de Mafeking em 1899 (na Guerra do Transval) na África do Sul, prestígio esse que somente ajudou a posterior disseminação de suas idéias educacionais.

Durante o cerco Baden-Powell treinou todos os cidadãos capazes de combater e organizou um grupo de cadetes e jovens da cidade para efetuarem as tarefas de apoio, tais como comunicações, cozinha e primeiros socorros. Assim a cidade resistiu, mesmo em inferioridade numérica, até a chegada de reforços.

Quando retornou para a Inglaterra, em 1900, foi recebido como herói, figura essa muito procurada e necessária à Inglaterra da época, que precisava manter sua supremacia como nação.

A noção de Escotismo começa a ser delineada quando, a partir do episódio de Mafeking, Baden-Powell resolve escrever seu livro "Aids to Scouting" (Ajuda ao Escotismo), onde descreve o programa desenvolvido para o treinamento de seus jovens soldados. Livro esse que logo foi comprado por pessoas de todas as idades, apesar de ser um livro inteiramente prático e pouco didático.

Mas como já foi dito, daí veio somente a noção inicial. O livro de longe traduziu alguma intenção na criação do Movimento Escoteiro. A organização e a idéia direta do Escotismo só aparecem bem mais tarde.

Nos anos vindouros, Baden-Powell amadureceria suas idéias sobre a educação dos jovens, e até arriscaria uma vez ou outra alguma aplicação destas em uma Brigada de Rapazes dentro do exército, o que podemos observar na citação a seguir, sobre as idéias de B.P.: "... defendiam a formação de cidadãos íntegros, através do auto desenvolvimento. Pessoas jovens operariam, em pequenas patrulhas compostas por seis integrantes cada, sob as ordens de líderes por eles mesmo escolhidos, e

assumiriam a responsabilidade de sua própria educação, sob supervisão de voluntários adultos”. (NAGY, 1987).

Assim surgiria a formação de pequenos grupos de treinamento dentro do exército, com a idéia da aplicação de jogos como método educacional e o fortalecimento da autoconfiança e autoconhecimento, através do incentivo à busca por desafios e responsabilidades, como forma de auto-melhoramento.

Em uma de suas últimas missões como oficial do exército, Baden-Powell volta à África tão amada e comanda um grupo especial de reconhecimento, observação e vigilância, e cabe colocar agora que a palavra Escotismo tem a sua origem nesse ramo de serviços do exército, onde os escoteiros seriam postos avançados de vigilância e reconhecimento, como exploradores do terreno, aqueles que partiriam para observar e retornar com as informações vitais ao avanço das tropas. Área essa que muito gostava e em que se destacou como treinador dentro do exército.

Mas retornando àquela missão, Baden-Powell liderava um grupo formado não somente por ingleses, mas também por canadenses, new-zelandeses, australianos, indianos além de outros e acabou por desenhar um uniforme diferente para os seus liderados, na cor cáqui (que posteriormente seria usada pelos escoteiros ingleses) e com um chapéu, onde se via a inscrição: “B.P.” que significava “Be Prepared” (Esteja Sempre Alerta), ou SEMPRE ALERTA como todos os escoteiros conhecem até hoje. Devido a essa inscrição, e às primeiras letras de seu nome, a partir daí todos começaram a se referir a Baden-Powell apenas como B.P.

Ao final de sua vida militar ele começa a escrever o livro que seria o marco na criação do Escotismo.

E logo antes de deixar o exército, e antes da publicação de seu tão esperado livro, resolve experimentar suas idéias. Convoca um grupo de vinte rapazes para uma pequena demonstração. Foram eles, em agosto de 1907 ao interior da Grã-Bretanha, à Ilha de Brownsea e, em um pequeno acampamento aplicaram as idéias de B.P. de contato com a natureza, jogos, fogueiras noturnas, espírito de equipe e códigos de honra.

O experimento havia sido um sucesso e era chegada a hora de dividir seus ideais com o resto da Inglaterra e posteriormente com o mundo todo. O Escotismo deixava de habitar o imaginário de uma pessoa só.

Em 1908 é publicado então o livro “Scouting for Boys” (“Escotismo Para Rapazes”) onde, inspirado em sua própria vida e experiência, B.P. defende a educação de jovens no contato com a natureza, através da prática de jogos, da observação e da prestação de serviços à outras pessoas, sempre com enfoque na auto-educação. Livro esse muito diferente de seus antecessores pois se baseava na educação para a paz e não mais para a guerra.

Para tal, B.P. estudou e leu diversos trabalhos sobre caráter, ecologia, ginástica, e muitos outros.

Mais uma vez conheceu a glória. Seu livro atingiu um sucesso inimaginável, e vendeu tanto quanto os grandes Best-sellers da época.

O então general abandona o exército e começa a se dedicar inteiramente às suas idéias alternativas de educação escoteira.

Militar por acidente, se dedicou às artes teatrais por toda a sua vida. Pessoa de caráter forte, era perspicaz, dinâmico, prático. Foi definido diversas vezes como uma pessoa confiante, leal, com imenso senso do dever. Muito bem humorado, astuto e bravo.

Depois de muito trabalhar pelo seu Movimento Escoteiro, morreu no dia 8 de janeiro de 1941, aos 83 anos, durante o sono, quem sabe sonhando, feliz, com a grande alegria que havia possibilitado aos tantos jovens do mundo todo.

Baden-Powell criou, em um meio britânico, na realidade do país na época, o Movimento Escoteiro. Em uma sociedade buscava “exploradores, missionários, pioneiros, guardas florestais, desbravadores de terras e construtores” (NAGY, 1987).

Essa sociedade traduzia o desejo de B.P. em “treinar” os jovens na destreza e habilidade em assuntos florestais além de reforçar sua alegria e amor pela natureza, pela vida ao ar livre. Assim acreditava que essa vivência seria benéfica à todos os jovens.

A adaptação do Escotismo aos anseios da sociedade é caráter principal ao considerarmos o enorme crescimento e inserção do Movimento na sociedade daquele tempo e dos dias de hoje.

O que B.P. fez foi simplesmente nutrir o desejo dos jovens por aventuras, liberdade, ajudando-os à descobrir suas próprias identidades e necessidades, além das necessidades da sociedade em que viviam.

Esta é até hoje a pedra fundamental do Escotismo, sua função básica.

Nasce em uma sociedade cristã, monárquica, conservadora e liberalista ao mesmo tempo, em uma era idealista, moralista, romântica e utópica da história humana.

3.2 O Método Escoteiro

Esse método está contido dentro de um Projeto Educativo, claramente definido e que deve ser compreendido e aplicado voluntariamente por cada integrante do movimento.

Levando-se em consideração que o Projeto Educativo do Escotismo procura inculcar no jovem a necessidade de que ele seja responsável por seu próprio desenvolvimento, não veremos a evolução do indivíduo somente no período em que fizer parte do Movimento Escoteiro, mas por toda a vida, mesmo após seu afastamento.

O Método Escoteiro representa o sistema de valores no qual o Escotismo se apoia. Esse sistema compreende diversos elementos educacionais que podem ser considerados como diversos métodos, que devem ser aplicados em conjunto para se alcançar os objetivos os que o Movimento Escoteiro almeja.

A aplicação destes elementos deve levar muito em consideração a maturidade do jovem, pois a forma de abordagem deve variar durante a evolução do processo.

Os elementos do Método Escoteiro estão representados em cinco grandes partes. São elas:

- a vida em equipe;
- o aprender fazendo;
- o desenvolvimento pessoal;

- a Lei e a Promessa Escoteira;
- as atividades progressivas.

3.3 Princípios e Organização do Movimento Escoteiro

“A Lei Escoteira é um código para a vida” (WORLD SCOUT ORGANIZATION, 1999).

É por meio da aplicação dos seus princípios que cada jovem conseguirá compreender e vivenciar os valores propostos pelo Escotismo como base para a sua vida.

A Organização Mundial dos Escoteiros expressa muito bem a importância da Lei e da Promessa ao afirmar: “Um dos componentes fundamentais do Método, até se poderia dizer sua pedra angular, é a Promessa e a Lei, que constituem um compromisso pessoal voluntário (promessa) para fazer o melhor possível para aderir a um código de conduta ética (lei).” (WORLD SCOUT ORGANIZATION, 1999)

Estas ‘regras’ estão sintetizadas em três itens maiores:

- os deveres para com Deus, na crença em uma força superior à humanidade (não orienta para nenhuma religião específica);
- os deveres para com os demais, responsabilidade e respeito para com a sociedade e a natureza;
- os deveres para consigo mesmo, responsabilidade pelo seu próprio desenvolvimento.

Assim que o jovem expressa a sua aceitação dos princípios, estará apto a fazer sua Promessa, enquanto o Movimento se incumbirá de desenvolver seus valores, de maneira gradual, e para toda a vida.

Jovens e adultos que não aceitem e acreditem neste conjunto de valores não conseguem desenvolver o propósito do Movimento Escoteiro em sua totalidade.

A aplicação da Lei Escoteira acontece de forma progressiva, permitindo que o jovem aprenda e progrida em seu próprio ritmo junto aos objetivos educacionais relacionados à sua faixa etária, reconhecendo sua própria evolução.

Baden-Powell sempre afirmava que tudo aquilo que o jovem aprende por experiência própria (auto-educação), permanece nele e orienta suas ações para o resto da vida, sendo muito mais eficiente do que qualquer outro conhecimento que lhe tenha sido imposto por um professor na escola.

Para cada faixa etária é proposta uma gama de objetivos educacionais gerais no desenvolvimento da personalidade do jovem. Dessa maneira cada indivíduo deverá se esforçar ao máximo para progredir no alcance desses objetivos aspirados.

Todas as atividades escoteiras devem estar baseadas nos interesses e necessidades do jovem. Devem ser atraentes e apresentar um objetivo educativo claramente definido, o qual deve ser compreendido pelo mesmo.

O estímulo à vivência e construção em equipe é outro aspecto de extrema importância dentro do movimento e vai guiar o jovem para que aprenda a levar em consideração os interesses e necessidades de cada pessoa, contribuindo para o bem estar do grupo, traduzido também na sociedade em que vive fora do Escotismo.

Assim, as atitudes e valores que estimulam a vida do grupo são tanto de natureza pessoal (a atitude construtiva e produtiva com relação à vida, a autoconfiança, o espírito de empreendimento e de estabelecimento de metas e outros), como de natureza social (o espírito de equipe, a busca do consenso, o reconhecimento das diferenças e da interdependência, a prática da solidariedade e outros). A vida em equipe proporciona, portanto, uma forma útil de ajudar os jovens a ousar e a se desenvolver, desde o início e de acordo com a sua capacidade para a autonomia, para dar apoio, para a responsabilidade e para o compromisso. (WORLD SCOUT ORGANIZATION, 1999)

Não podemos nos esquecer que o Movimento Escoteiro nasce do desejo de melhorar a sociedade, centrado no desenvolvimento de cada indivíduo.

Como movimento, o Escotismo prima pela unidade entre seus participantes, não significando uniformidade entre seus membros, mas a busca por um mesmo objetivo.

O propósito, os princípios e o próprio Método Escoteiro devem ser aceitos, como um conjunto integrado, em sua totalidade, pois são objetos de um acordo internacional entre os membros do Movimento Escoteiro e estão claramente definidos na Constituição da Organização Mundial do Movimento Escoteiro (O.M.N.E.).

Assim, encontramos a necessidade de fidelidade com relação aos fundamentos do Escotismo e, ao mesmo tempo, a flexibilidade nas formas de abordagem dos conteúdos.

Seguindo este princípio veremos a dinamicidade da Organização no sentido de sempre procurar se adaptar às mudanças da sociedade, porém tendo como meta o alcance dos objetivos, que serão basicamente os mesmos em todas as partes do mundo.

Imaginem só uma Organização que trabalhe da mesma maneira em países diferentes com culturas diferentes e esperando alcançar os mesmos resultados. Não haveria a mínima possibilidade de funcionar.

A adaptação é caráter indiscutível, e contribui para tornar o Movimento Escoteiro o maior movimento educativo e voluntário de jovens em todo o mundo.

Não podemos nos esquecer de que o Escotismo, em seu propósito original, foi concebido como um movimento para os adolescentes. Não para crianças muito pequenas, nem para pessoas após a maioridade.

Para atingir seu êxito total, o Movimento deve acompanhar os adolescentes até a sua entrada na vida adulta, onde já devem assumir seu papel construtivo na sociedade.

Além de ser um movimento para os jovens, devemos considerá-lo também como um movimento de jovens, apoiados pelos adultos. Assim jovens e adultos formam uma comunidade de aprendizado mútuo.

Gradualmente o jovem irá se confrontando com a tomada de suas próprias decisões e ações, evidenciadas na sua participação nas decisões da prática do Programa (de Jovens).

Neste sentido, os adultos tem papel muito importante ao “estimular e facilitar o desenvolvimento pessoal progressivo dos jovens na direção de uma cooperação rica e variada com os adultos. Em todos os níveis e em todas as situações, as atenções devem se dirigir à manutenção do equilíbrio apropriado entre os papéis complementares de jovens e adultos.” (WORLD SCOUT ORGANIZATION, 1999).

Todos aqueles que aceitam o Projeto Educativo são membros do Movimento por vontade própria. Para tal, o Movimento deve ser percebido como estimulante e atrativo ao mesmo tempo que espera um compromisso formal de respeito aos seus princípios, por parte de seus membros.

Devemos perceber também que os adultos que fazem parte do Movimento também aceitam e se comprometem com o propósito, os princípios e o Método do Escotismo, se agregando voluntariamente ao mesmo, onde “o Movimento Escoteiro...(está) aberto a todos sem distinção de origem, raça e credo...” (WORLD SCOUT ORGANIZATION, 1999). Podemos ter um bom exemplo dessa “imparcialidade” quando percebemos que apesar do surgimento do Escotismo ter acontecido em uma sociedade cristã, este logo se proliferou e se enraizou em ambientes hindus, budistas, muçulmanos e muitos outros.

Também devemos perceber que a decisão final de ingressar ou não no Movimento está nas mãos do jovem, não cabendo aos adultos escotistas restringir ou não esse ingresso. Todos aqueles que tem o desejo de aprender através do Escotismo serão bem recebidos.

Essa acessibilidade supõe uma linguagem compreensível por todos e a disponibilização de um “produto” (o Programa de Jovens) atrativo a todos.

Isso também implica na acessibilidade em termos de recursos financeiros, que não podem se apresentar como barreira à participação de qualquer jovem.

“Devido a seu caráter educativo, o Movimento Escoteiro não admite nenhuma espécie de envolvimento político-partidário e não se empenha na disputa pelo poder, que é o campo de atuação da política” (WORLD SCOUT ORGANIZATION, 1999).

Ou seja, Escotismo e partidarismo nunca ocuparão o mesmo espaço, pelo fato do próprio Movimento pregar que a capacidade de cada indivíduo julgar por si mesmo é essencial, e uma associação do Escotismo com determinado partido ou candidato usurparia essa decisão pessoal de cada cidadão membro do Movimento.

Isso não exclui a possibilidade de adesão de seus membros em partidos, porém essa adesão é pessoal, de cada um como indivíduo e não como escoteiro.

O Movimento Escoteiro deve se conservar independente de qualquer outra instituição ou autoridade, conservando sempre seus princípios, seus propósitos e seu Método.

3.4 O Chefe Escoteiro

É o adulto responsável pelo grupo de escoteiros.

O Chefe Escoteiro é o facilitador do aprendizado do jovem. Ele deve liderar, e não comandar. Como dizia B.P.: “quase todo bobo é capaz de comandar, fazendo pessoas obedecerem ordens; isto se ele tem o poder de punir, tendo o apoio necessário em caso de recusa. Liderar é coisa diferente e é trabalhoso mostrar o caminho.” (NAGY, 1987)

É aquele indivíduo que já tem experiência no Movimento, ou que tem muito interesse em conhecê-lo.

Como já foi dito, o Escotismo se baseia na auto-educação do jovem, sendo assim, o Chefe Escoteiro tem a função de provocar, incitá-lo para que possa descobrir o melhor caminho a trilhar e fazer o seu melhor possível.

Para tal, existem cursos, em nível preliminar, básico e avançado, que “formarão” o adulto em assuntos escoteiros e lhe darão subsídios para que possa desempenhar sua função dentro do Escotismo. Isso não o impede de ir atuando junto aos jovens e adquirindo experiência.

4.0 METODOLOGIA

A pesquisa ocorreu na forma de revisão bibliográfica, onde foram levantados os temas referentes aos objetivos propostos pelo Escotismo e pela Educação Física, utilizando-se do método dedutivo de pesquisa.

Após o levantamento bibliográfico foi confeccionada uma conclusão, com discussões e comentários sobre a bibliografia consultada, na tentativa de procurar responder à pergunta inicial sobre se existe ou não uma relação entre a Educação Física e o Escotismo.

5.0 CONCLUSÃO

OBERTEUFFER, D & ULRICH (1977) afirmam que não é possível a educação isolada do físico. Que a educação por meio de experiências envolve as atividades e movimentos, juntamente com os componentes emocionais, comportamentais e intelectuais. Afirmam ainda que a mente, o corpo e o espírito são interdependentes, nunca sendo possível a separação de um e de outro.

Esta afirmação se adapta muito bem ao que acreditamos ser o meio pelo qual poderemos utilizar a Educação Física como um dos instrumentos de formação humana.

Não poderemos nos esquecer de que estamos lidando com crianças, seres humanos em formação. Assim, tudo que ela aprende deve passar pelo corporal, pelo material, pelo movimento.

Outra afirmação pode ser utilizada para justificar a utilização da Educação Física:

“A Educação Física é considerada hoje um meio educativo privilegiado, na medida em que abrange a pessoa na sua totalidade. O caráter de unidade da Educação por meio das atividades físicas é reconhecido universalmente através dos tempos.” (MATTOS & NEIRA, 2000)

Resta saber se realmente isso acontece na realidade, visto que observamos muitos dos colegas de profissão pautando sua prática educativa somente sobre modelos pré-estabelecidos de treinamento de técnicas poliesportivas. Isso não quer dizer que negamos os esportes como meio para alcançarmos nosso objetivo educativo, porém o que vemos na prática é uma manutenção do ideal de formação de indivíduos que atuem bem dentro de um espaço determinado por quatro linhas, ao invés de prepararmos um indivíduo atuante dentro da sociedade. Indivíduo esse que saiba transportar os conteúdos estudados para tornar a sociedade em que vivemos cada vez mais igualitária, muito mais consciente de si e dos outros do que aquele que, como único desejo, busca vencer o seu companheiro dentro do jogo.

É comum em nosso cotidiano nos depararmos com professores e estudiosos de Educação Física que tentam encontrar o método mais eficiente, o objetivo perfeito, a fundamentação mais clara, mas percebemos também a falta de subsídios materiais e

justificativas que abranjam esta área na totalidade, para então chegarmos à conclusões mais objetivas. O que percebe-se é a fundamentação de cada área de conhecimento de forma isolada, o que não nos permite o entendimento do processo como um todo. E que mesmo com grandes esforços talvez nem encontremos definições, nem ao menos pela metade.

A Educação Física precisa de relatos, de obras materiais, de idéias, de alternativas, que efetivamente vejam o ser humano como um todo, mesmo que elas sejam erradas. Pois ao menos tendo o que ser criticado é que chegaremos a construir a nossa prática e a nossa teoria de maneira mais produtiva.

Uma construção só pode crescer se tiver bases fortes e profundas. Infelizmente não podemos dizer que as bases da Educação Físicas sejam fortes o suficiente para agüentar o peso de nossos anseios.

Assim tentamos buscar alternativas para que nossas aulas de Educação Física sirvam de instrumento para alcançarmos nossos objetivos.

Em relação ao Escotismo já abordamos seus objetivos, sua história, seu método, e pudemos entender que durante muito tempo este vem evoluindo e se transformando, seguindo os anseios e necessidades de uma sociedade em constante mutação. Enquanto na Educação Física cada profissional constrói de acordo com a própria visão do que seja importante, o Escotismo é construído sobre o que já se conhece, de domínio geral no meio, sobre a própria prática.

Ao retrocedermos no tempo, podemos notar que ambos sofreram muita influência de instituições militares e que ao mesmo tempo que a Educação Física simplesmente ia substituindo os seus métodos, quase que negando os anteriores, o Escotismo ia se institucionalizando, revendo suas idéias, seus objetivos, aproveitando o que já se tinha de positivo e construindo o novo sobre seus alicerces.

O que difere é que hoje em dia percebemos o Escotismo como um Movimento que busca alcançar seus objetivos através de métodos já idealizados e testados para tanto, sendo falsa a idéia de que acontece uma reprodução de valores e comportamentos. Todo o mecanismo de formação de cidadãos no Movimento Escoteiro é auto-construtivo e possibilita que cada um cresça de forma diferente, em tempos

diferentes, tornando-se uma pessoa particular, consciente de si e do mundo, e sabendo, ou pelo menos tentando entender o papel que exerce dentro da sociedade.

Analisando o objetivo maior proposto pela Educação Física, não poderíamos nos esquecer de que ela é, em sua essência, Educação, e que:

toda a educação pressupõe tomar decisões enquanto à finalidade da ação educativa. O objetivo por nós apontado é o de favorecer o desenvolvimento de um homem capaz de atuar num mundo em constante transformação por meio de um melhor conhecimento e aceitação de si mesmo, um melhor ajuste de sua conduta e uma verdadeira autonomia e acesso às suas responsabilidades no marco da vida social. (LE BOULCH, 1986)

Através dessa citação, podemos encontrar um estreito elo de ligação entre Escotismo e Educação Física, entendendo então, que este seria o objetivo maior a ser alcançado pelos alunos em nossas aulas. Entendemos também que esse é o papel que deveríamos inculcar em nossos alunos diariamente.

Chegando à esse ponto, estamos prontos para responder àquelas perguntas básicas, que apresentamos no início desse trabalho: será que existe alguma relação entre os objetivos propostos pelo Escotismo e pela Educação Física? E caso exista, em que ponto se aproximariam?

Sim. Os objetivos se aproximam.

Do mesmo modo poderíamos afirmar com facilidade que o objetivo de ambos é a formação integral do ser humano.

Mas não poderíamos deixar de afirmar que os métodos utilizados para alcançá-los muitas vezes divergem. E muito.

É nesse ponto que esperamos tornar esse trabalho produtivo. Ao encontrarmos esse elo, temos a oportunidade de vivenciar um método educativo, com o qual não mantínhamos contato, que responde algumas perguntas sobre como alcançar nossos objetivos com os alunos, em nossas aulas de Educação Física.

As atividades diversificadas, a organização dos procedimentos, o contato com os outros e com a natureza. Todos esses pontos de apoio, além de tantos outros, podem ser adaptados e inseridos em nossas aulas.

Além disso, deveríamos utilizar o exemplo do Escotismo e começar a construir a nossa Educação Física tão esperada. Deveríamos utilizar tudo o que existe de positivo

e produtivo, em cada vertente de nossa área e erguer a nossa construção sobre estruturas fortes, sem precisar destruir por completo tudo aquilo com o que não concordamos. Talvez não concordemos devido ao fato de nunca termos nem prestado um pouquinho de atenção naquilo que não nos agrada no primeiro momento. Que olhemos então com mais calma para tudo o que está a nossa volta e procuremos ouvir e sentir o que desconhecemos. Devemos nos dar a oportunidade de conhecer o novo, o desconhecido, e porque é que sempre discordamos do que não nos é comum?

Procurar nos concentrarmos na formação integral do indivíduo parece ser a decisão mais sábia, abordando em nossas atividades educativas os aspectos psicomotores, cognitivos e afetivo-sociais de nossas crianças.

Para tal, os professores e os Chefes Escoteiros deverão identificar e compreender os reais objetivos da Educação Física e do Escotismo, planejando as atividades de forma a desencadear um processo que nos leve a alcançar nossos ideais, de forma clara e interessante.

Mais uma vez nos deparamos com a nossa prática. E se é para jogar, que lutemos para ganhar. Pois o jogo que deve ser vencido é a melhor maneira de viver, com respeito, companheirismo, sentimento. Não podemos formar competidores, que prejudiquem uns aos outros na única esperança de chegar antes. Que cheguemos todos juntos então. É a única forma de mostrarmos que não somos melhores do que ninguém, somente temos anseios, gostos, rostos diferentes. Mas desejamos o melhor de nós para todos, e desejamos estar juntos, quando enfim alcançarmos esse ideal.

Devemos formar cidadãos, homens, mulheres, idosos. Mas principalmente devemos formar crianças, ávidas de novos caminhos a trilhar, de novos espaços a descobrir, de novos desafios para enfrentar. Pois só assim, como crianças que são, é que lembrariam que sozinhas e sem alegria, não tem graça brincar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física**. Terceiro e Quarto ciclos do Ensino Fundamental. MEC/SEF. Brasília, 1998.

LE BOULCH, J. **Educação Psicomotora**. Editora Artes Médicas. Porto Alegre, 1986.

MATTOS, M.G. & NEIRA, M.G. **Educação Física Infantil**: Construindo o movimento na escola. 3. ed. Phorte Editora. São Paulo, 2000.

NAGY, Laszlo. **250 Milhões de Escoteiros**. Editora Escoteira. RS, 1987.

OBERTEUFFER, D. & ULRICH. **Educação Física**: manual de princípios para estudantes de Educação Física. EPU/Editora da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1977.

OLIVEIRA, V.M. **O que é Educação Física?**. Editora Brasiliense. São Paulo, 1983.

UNIÃO DOS ESCOTEIROS DO BRASIL. **Guia do Sênior**. 3. ed. Editora Escoteira. 1995.

UNIÃO DOS ESCOTEIROS DO BRASIL. **Projeto Educativo do Movimento Escoteiro**. Editora Escoteira. s/d

WORLD SCOUT ORGANIZATION. **As Características Essenciais do Escotismo**. Editora Escoteira. Curitiba, 2001.